

Nome: Juliana Oliva

E-mail: julie_oliva@hotmail.com

Instituição de Ensino: UNIFESP

Orientadora: Rita de Cássia Souza Paiva

ALGUNS ASPECTOS DA RECIPROCIDADE EM *O SEGUNDO SEXO* DE SIMONE
DE BEAUVOIR

Resumo: Para Simone de Beauvoir, em uma relação intersubjetiva, indivíduos são sujeitos para si e objetos para outro, essa ambiguidade é o que caracteriza a existência humana, todo indivíduo é sujeito para si e objeto para outro.¹ Contudo, conforme o estudo da autora apresentado em *O Segundo Sexo* (1949), as posições do homem e da mulher estão fixadas² por meio da construção de uma situação específica na sociedade e, deste modo, também na relação intersubjetiva homem-mulher, que se torna uma relação entre, respectivamente, sujeito e objeto que não trocam de posição. Mas a mulher, mesmo limitada por sua situação, não deixa de existir enquanto liberdade, nem deixa de apreender, enquanto sujeito, o homem como objeto na relação³; há reciprocidade, mas em potencial, que não se realiza, assim como a ambiguidade sujeito-objeto de cada um.⁴

Beauvoir assinala que a necessidade que um sexo tem do outro em suas relações nunca engendrou reciprocidade⁵; não há reconhecimento da subjetividade da mulher pelo homem, assim como não há pela sociedade; ambos estão unidos para garantirem as suas posições no mundo. O homem tem o seu lugar de sujeito confirmado pela mulher e a mulher faz-se objeto para que o homem justifique a existência dela. Beauvoir observa as mulheres em conjunto em uma situação de vassalagem, em que a mulher serve o homem em troca da manutenção de alguns privilégios e segurança em sua situação.⁶ Essa relação sem reciprocidade, criada a partir das categorias “Homem” e “Mulher” e sustentadas por “fatos e mitos”⁷, se concretiza na “experiência vivida”⁸ de homens e mulheres. Beauvoir

¹ BEAUVOIR, *O Segundo Sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v., p. 99

² Idem, p. 16

³ Idem, p. 343-344

⁴ Idem, p. 18

⁵ Idem, p. 548

⁶ Idem, p. 20

⁷ Para usar a expressão de Beauvoir, que é também o nome que ela dá ao primeiro volume de *O Segundo Sexo*.

observa em diferentes momentos e lugares ao longo da história que as mulheres não estão unidas⁹ se opondo à situação de Outro em que vivem, mas estão ligadas aos homens, como vassalãs: a mulher branca é solidária ao homem branco e não à mulher negra¹⁰, a dona de casa burguesa reproduz os pontos de vista do marido,¹¹ e a camponesa não pode sentar à mesa com o marido durante as refeições na casa que ela também sustenta economicamente¹²; é com o homem que a mulher concorda, ela aprende e acredita que é ele quem a define, a assegura, a protege e a poupa de assumir a sua existência, que é ele quem garante a ela um lugar neste mundo¹³, não apenas na relação de casal, mas nas relações em todas as esferas das sociedades em todas as épocas, de acordo com a investigação da autora.

Para Beauvoir, é preciso libertar a mulher da categoria do Outro, da situação de opressão que a impele a encarar um ideal de feminilidade, para que ela seja reconhecida como sujeito¹⁴, movimento que deslocaria o homem da posição superior e conseqüentemente lhe tiraria os seus privilégios, trata-se de um movimento que depende de ambos os sexos e da transformação das estruturas da situação em que se encontram.

Beauvoir identifica a possibilidade de a mulher ser reconhecida como sujeito em relação ao homem, a realização da ambigüidade sujeito-objeto que caracteriza a reciprocidade, na relação erótica autêntica, relação livre, sem “justificação estranha”¹⁵, cujos valores sejam criados pelo casal, independente de instituições.¹⁶ Por outro lado, fazer-se objeto erótico é uma das imposições do tornar-se mulher. Como um objeto a ser contemplado, desejado e possuído pelo homem, o corpo da mulher não pertence a ela; essa compreensão de si mesma como objeto realizada pela mulher, e confirmada pelo homem, exclui a realização da reciprocidade na relação erótica, e em qualquer outro tipo de relação entre homem e mulher. Mas, a relação erótica que Beauvoir chama “autêntica” é consentida e determinada pelos indivíduos que compõem a relação, que são livres e se

⁸ Tema e título do segundo volume da obra.

⁹ Cf. BEAUVOIR, op.cit., p. 20

¹⁰ Idem, Ibidem

¹¹ Idem, p. 812-813

¹² Idem, p. 165

¹³ Idem, p. 203

¹⁴ Idem, p. 343-344

¹⁵ Idem, p. 581

¹⁶ Idem, p. 518-519

relacionam espontaneamente, independente das regras de instituições, ou da necessidade de realizar um outro projeto por meio dessa relação.¹⁷

Parece-nos que Beauvoir quer enfatizar, na relação erótica autêntica em relação à realização da reciprocidade, uma situação em que homem e mulher se colocam como sujeitos apreendendo o outro, desejando o outro como carne, objeto, ao mesmo tempo em que se oferecem a esse outro se fazendo objetos, o que corresponde à realização do que Beauvoir chama moral existencialista¹⁸, em que os indivíduos se colocam como sujeitos em suas relações intersubjetivas e são apreendidos pelo outro (que também se coloca como sujeito) como objeto. Entendemos que para Beauvoir, a ambiguidade daquele que deseja o outro como objeto e também como sujeito, para que esse outro também o deseje como objeto, representa a ambiguidade do indivíduo que justifica a própria existência colocando-se como sujeito diante dos outros que, também como sujeitos, apreendem e tornam realidade os seus projetos.

A relação erótica, quando autêntica, parece portar um critério que poderia ser empregado na reciprocidade na relação homem-mulher em todos os âmbitos, e não apenas no erótico. Embora Beauvoir relate momentos nas vidas de mulheres em diversos âmbitos, em que elas transcendem a situação de Outro¹⁹, ela não considera essas conquistas suficientes para que a situação da mulher seja modificada²⁰ e para que a mulher possa afirmar-se como sujeito na sociedade.

Palavras-chave: Beauvoir, mulher, reciprocidade

¹⁷ Idem, p. 581

¹⁸ Idem, p. 30

¹⁹ Idem, p. 474

²⁰ Idem, p. 879-881